

BOLETIM TRIMESTRAL

Mercado de Trabalho Mato-grossense

Nesta edição de abertura do Boletim Trimestral do Mercado de Trabalho Mato-grossense, iremos explorar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNADC – desenvolvida pela Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – para o primeiro trimestre de 2021. Nosso foco é o estado do Mato Grosso, explorar suas características gerais dentro do mercado de trabalho e estabelecer algumas relações importantes. Além disso, buscamos colocar o estado em comparação com demais estados da região Centro-Oeste. Vamos lá?

1. Primeiro trimestre de 2021 em números

Vamos começar com a caracterização geral do mercado de trabalho do estado, que pode ser visto na Figura 1 abaixo. Para essas estatísticas, usamos os dados do estado sem filtro de idade e sem filtrar o número da entrevista feita, para que os valores sejam comparáveis às estatísticas disponibilizadas pelo IBGE.

Com uma população de 3.496.088 habitantes, 80,7% estão em idade ativa, ou seja, acima de 14 anos. Desta População em Idade Ativa – PIA – 35,9% estão fora da força de trabalho, enquanto 64,1% estão na força de trabalho constituindo a População Economicamente Ativa – PEA.

O desemprego no estado atingiu 9,9% de toda a PEA, com ocupação de 90,1%. Dos ocupados, 3,6% estão subocupados por insuficiência de horas trabalhadas. Em relação aos 35,9% que estão fora da força de trabalho, 7,5% se encontram na força de trabalho potencial. Destes, 41% se encontram em situação de desalento, valor que se mantém em alta desde 2016.

A estatística de desalento somada à de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas forma o que conhecemos como *formas ocultas de desemprego*. No estado, 5,3% da população em idade de trabalhar está vinculada a essa situação. Se somarmos a isso os não desalentados e o desemprego aberto (a desocupação) chegamos à *população subutilizada total*, que no estado é de 11,1%.

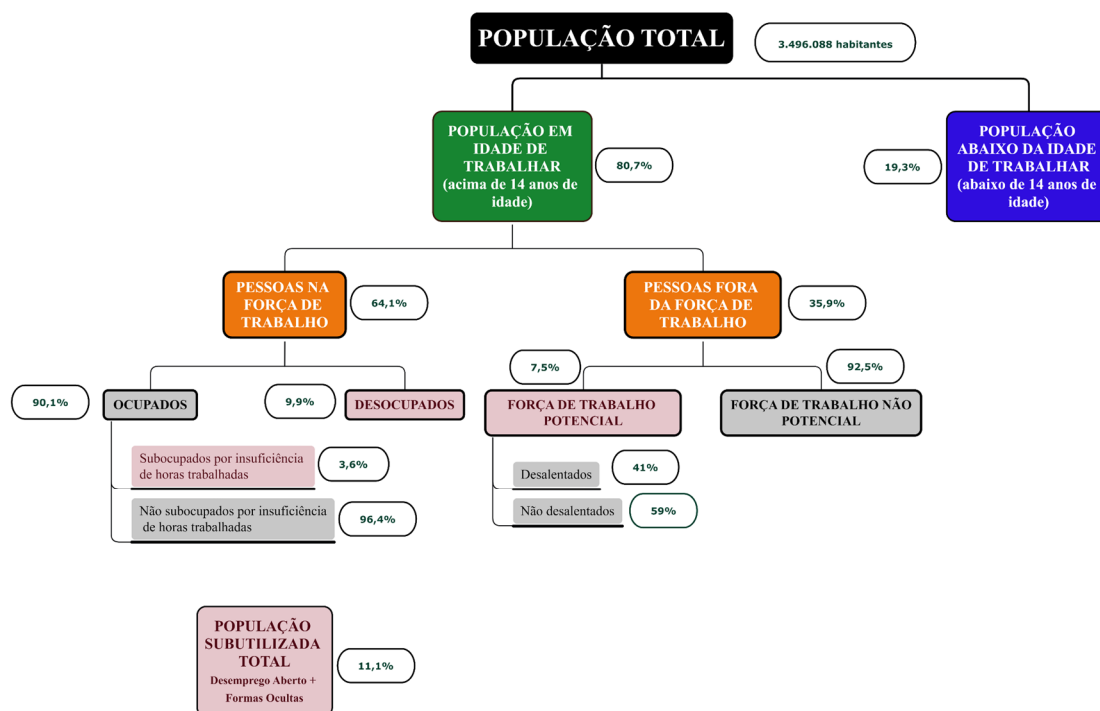


Figura 1: Fluxograma do Mercado de Trabalho Mato-Grossense

Fonte: Elaboração própria baseada nos Fluxos de Mercado de Trabalho do IBGE com os dados da PNADC 2021 para o primeiro trimestre considerando todas as entrevistas.

BOLETIM TRIMESTRAL

Mercado de Trabalho Mato-grossense

2. Mato Grosso e a região Centro-Oeste

Vamos colocar os dados em perspectiva em relação à região Centro-Oeste. Para isso, escolhemos algumas estatísticas – desemprego, subocupação por insuficiência de horas trabalhadas, desalento, formas ocultas de desemprego e população subutilizada total – no comparativo para Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal.

Vamos começar com o desemprego. A Figura 2 abaixo mostra o mapa da região Centro-Oeste evidenciando que Distrito Federal e Goiás tiveram as maiores taxas de desemprego no primeiro trimestre de 2021 (14,7% e 13,5%, respectivamente). O Mato Grosso, com 9,9% de desocupação, ficou abaixo também do Mato Grosso do Sul com 10,3% de desempregados na força de trabalho.

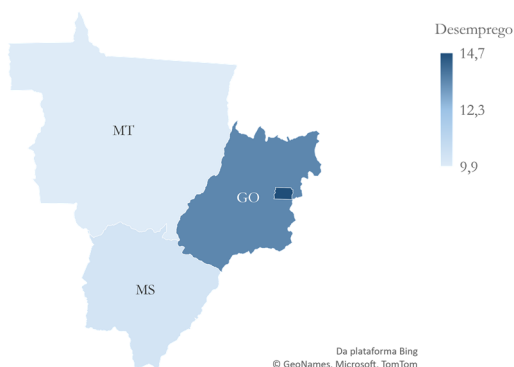


Figura 2: Taxa de desemprego para os estados da Região Centro-Oeste.

Fonte: Elaboração própria com os dados da PNADC 2021 para o primeiro trimestre considerando todas as entrevistas.

A taxa de subocupação entre os ocupados, mostrada na Figura 3 abaixo, também não favoreceu aos outros estados. Enquanto o Mato Grosso marcou 3,6%, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul marcaram 6,4% e 6,2%, respectivamente. Goiás marcou 5,1% de subocupação, deixando o Mato Grosso novamente com a menor das estatísticas.

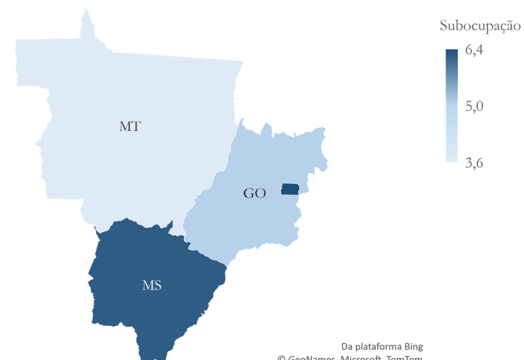


Figura 3: Taxa de subocupação para os estados da Região Centro-Oeste.

Fonte: Elaboração própria com os dados da PNADC 2021 para o primeiro trimestre considerando todas as entrevistas.

Na Figura 4 vemos a taxa de desalento entre os estados. E é desolador. É quase impossível identificar, pelo mapa, qual estado teve a pior taxa de desalento, já que todas são altas e muito próximas. Se prestarmos bastante atenção é possível ver que a coloração para Goiás está mais forte. E sim, o estado de Goiás teve a maior taxa de desalento dentro da região Centro-Oeste – 43,9%. Esse resultado para Goiás é pior, já que sua população corresponde a 43,5% da população de toda a região¹.

Mas não fica muito à frente dos estados do Mato Grosso do Sul – 42,6% – e do Mato Grosso – 41%. Distrito Federal fecha o trimestre com 28,4% de desalento, que somente pode ser visto como um bom resultado em termos comparativos/relativos, já que quase 30% de uma força de trabalho potencial estando em estado de desalento não é uma boa estatística em si.

BOLETIM TRIMESTRAL

Mercado de Trabalho Mato-grossense

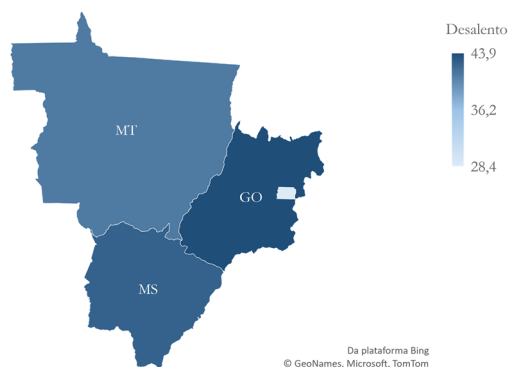


Figura 4: Taxa de desalento para os estados da Região Centro-Oeste.

Fonte: Elaboração própria com os dados da PNADC 2021 para o primeiro trimestre considerando todas as entrevistas.

As formas ocultas de desemprego, que consideram o desalento e a subocupação por insuficiência de horas trabalhadas, estão expostas na Figura 5 abaixo. Novamente, o Mato Grosso fica atrás de todos os outros estados – 5,3% em comparação com 9,3% do Mato Grosso do Sul, 8,2% no Distrito Federal e 7,5% em Goiás.

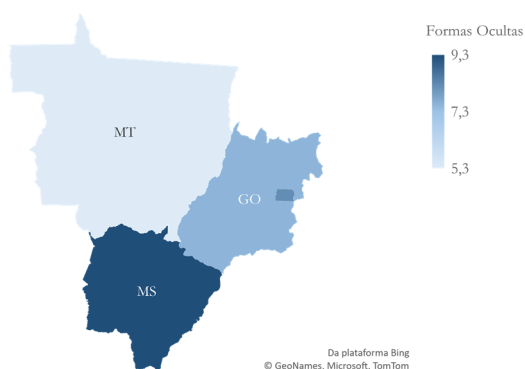


Figura 5: Taxa de formas ocultas de desemprego para os estados da Região Centro-Oeste.

Fonte: Elaboração própria com os dados da PNADC 2021 para o primeiro trimestre considerando todas as entrevistas.

Por fim, a população subutilizada total, na Figura 6 abaixo, que considera além das formas ocultas de desemprego, os não desalentados e o desemprego aberto. Fica ressaltado os 17,7% no Distrito Federal, 14,7% no Mato Grosso do Sul e 14,3% em Goiás, enquanto no Mato Grosso temos 11,1%.

Mais uma marca positiva para o estado neste primeiro trimestre de 2021.

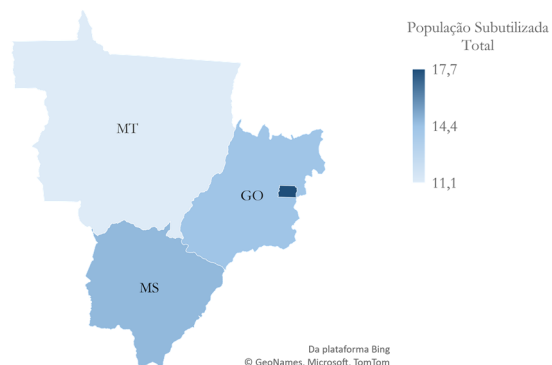


Figura 6: Taxa de população subutilizada total para os estados da Região Centro-Oeste.

Fonte: Elaboração própria com os dados da PNADC 2021 para o primeiro trimestre considerando todas as entrevistas.

No geral, evidenciamos pontos positivos (com várias ressalvas) para o mercado de trabalho mato-grossense, que demonstra uma saúde laboral agregada melhor do que dos outros estados pertencentes à mesma região. No entanto, esse não é bem um motivo para celebração, já que ainda demarcam marcas altas, enquanto região, em estatísticas sensíveis do mercado de trabalho – porque falam de pessoas, renda e, no limiar, sobre pobreza e desigualdade.

3. Os salários na média

Para esse exercício econométrico proposto, consideramos somente as pessoas de 18 a 65 anos de idade que estavam ocupadas (para podermos falar sobre seus salários) no período da primeira entrevista. O que buscamos mostrar com isso? Como certas características afetam o rendimento efetivo dos trabalhadores em termos médios.

E de quais características estamos falando? Bom, aqui estamos usando o rendimento efetivo do trabalho principal (o salário realmente recebido pela pessoa), o sexo da pessoa (homens e mulheres – que são a referência), a sua cor (brancos e não brancos – pretos, pardos, amarelos e indígenas, que são a referência), sua escolaridade em anos de estudo (de 0 a 16 ou mais anos de estudo), sua idade

BOLETIM TRIMESTRAL

Mercado de Trabalho Mato-grossense

(como *proxy* da experiência) e sua idade ao quadrado (para capturar um possível efeito de reversão – retornos marginais decrescentes à idade).

Faremos um modelo, uma análise de resultados, para o Mato Grosso e um para a região Centro-Oeste como um todo. Assim, mantemos os efeitos comparativos como na seção anterior. Adicionalmente, ressaltamos que os rendimentos efetivos foram deflacionados com o Deflator Trimestral disponibilizado pelo IBGE e que esses modelos são simples, mas não menos consistentes.

Vamos aos resultados? Eles estão evidenciados na Tabela 1 abaixo.

Tabela 1: Rendimentos efetivos na média.

Rendimento Efetivo (valores em logaritmo)	Mato Grosso	Região Centro-Oeste
Cor	0,1982** (0,0925)	0,2123*** (0,0420)
Sexo	0,3916*** (0,1020)	0,4143*** (0,0546)
Idade	0,0866*** (0,0151)	0,0811*** (0,0094)
Idade ao quadrado	-0,0009*** (0,0002)	-0,0008*** (0,0001)
Anos de Estudo	0,0595*** (0,0154)	0,0910*** (0,0080)
Constante	4,8076*** (0,2733)	4,3860*** (0,2107)
R ²	0,2124	0,2705
Número de observações	551	2.189
Estatística F	21,48	61,16
P-valor F	0,00	0,00

Fonte: Resultados da pesquisa. Elaboração própria.

Erros padrão entre parênteses. * indica significância ao nível de 10%. *** indica significância ao nível de 1%.

O que esses resultados significam e como interpretá-los? Esses resultados são coeficientes que mensuram os efeitos de uma característica/variável sobre a média de rendimento das pessoas, com as demais características mantidas constantes. Então quando falarmos sobre os coeficientes de sexo, por exemplo, todas as outras características são mantidas constantes, de forma que somente muda o sexo de uma pessoa para outra – homens e mulheres – não a sua cor, idade e etc.

Adicionalmente, é importante destacarmos que para variáveis contínuas como idade, idade ao quadrado e anos de estudo, o valor do coeficiente é multiplicado por 100, sendo interpretado como %.

Para binárias (valores 0 e 1) como cor e sexo, o processo é um pouco diferente² por este ser um modelo *log-lin* (logaritmo de uma variável sendo explicado por variáveis em nível).

Como interpretá-los então? No Mato Grosso, os brancos recebem em média 21,92% a mais que não brancos, enquanto na região como um todo esse efeito é superior, de 23,65%. Além disso, homens ganham em média 47,93% a mais que mulheres no estado, valor que é inferior ao encontrado para a região como um todo, de 51,33%.

A idade contribui positivamente na média dos rendimentos, tanto no estado quanto na região. No estado, cada ano adicional na idade aumenta o salário, em média, em 8,66% e na região o aumento é de 8,11%. No entanto, esse comportamento se altera a partir de certa idade, o que é evidenciado pelo comportamento quadrático negativo da variável idade ao quadrado. O sinal negativo que a acompanha, tanto para o estado quanto para a região, se relaciona a uma parábola com a concavidade virada para baixo – retornos sobem, chegam em um ponto de máximo e declinam.

Esse comportamento mostra que idade é uma *proxy*, uma aproximação, para experiência – no mercado de trabalho, nas atividades desenvolvidas – e ela é premiada com maiores retornos até certo ponto. Depois do ponto, o mercado dará preferência para os mais novos aos mais velhos – o que vemos acontecer com boa parte da mão de obra qualificada que depois de certa idade não consegue reinserção no mercado de trabalho por conta desse atributo.

Por fim, o retorno à educação. Para cada ano de estudo a mais, de 0 a 16 ou mais anos de estudo, o estado do Mato Grosso paga, na média, 5,95% a mais. Mas esse valor está abaixo da média da região como um todo que remunera 9,10% a mais por cada ano de estudo. Esses são efeitos médios e, na média, cada ano de estudo remunera a mesma porcentagem a mais. Porém, sabemos que o retorno a educação não funciona de forma constante assim, sendo mais bem remunerados

BOLETIM TRIMESTRAL

Mercado de Trabalho Mato-grossense

aqueles que estão no topo do sistema educacional. Mas isso é conversa para uma próxima edição.

Notas:

¹ Em recente edição do boletim Mercado de Trabalho Goiano produzido pelo Laboratório de Análise de Microdados – LAM – da FACE/UFG, já havia a ressalva da piora da qualidade do mercado de trabalho goiano nesse primeiro trimestre de 2021, por conta de indicadores como o de subocupação e vinculação da mão de obra ocupada à contratos de trabalho mais precários. Disponível em: <https://lam.face.ufg.br/p/29053-boletim-de-mercado-de-trabalho-goiano>

² Para as binárias, o coeficiente presente na tabela é utilizado para calcular o real coeficiente para a diferença entre grupos. Por exemplo: para a variável *sexo* o coeficiente foi de $\beta = 0,3916$ que nos leva a pensar que homens ganham 39,16% a mais que mulheres. Porém, por ser um modelo *log-lin*, o real coeficiente é calculado como $e^\beta - 1$, sendo e a função exponencial. Então: $e^\beta - 1 = e^{0,3916} - 1 = 0,4793$. Ou seja, homens ganham 47,93% em média a mais que mulheres (que são a categoria de referência).

Softwares utilizados:

Editor de texto: Word.

Ferramentas estatísticas: Stata e R (análise dos dados); Excel (tabelas e mapas).

Base de dados:

PNADC – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – IBGE – para o primeiro trimestre de 2021.

Agradecemos a leitura!

Profa. Jaqueline Moraes
FACAP/UFR

